



Eça de Queirós *versus* Papa Leão XIII: questões alimentares

Eça de Queirós *versus* Pope Leo XIII: food issues

Antonio Augusto Nery*

Resumo

O artigo “Encíclica poética” foi publicado por Eça de Queirós (1845-1900) na *Revista Moderna*, em 20 de outubro de 1897, e coligido postumamente no volume *Notas contemporâneas*, em 1909. Eça versa sobre uma epístola que o papa Leão XIII (1810-1903) escreveu e dedicou a certo Fabricius Rufus, seu conterrâneo romano, com o intuito de sugerir o que seria uma nobre alimentação cristã. O pontífice, grande conhecedor do latim e adepto de passatempos literários, dava indicações “politicamente corretas” de como colocar a mesa, as bebidas e as suntuosas guloseimas que seriam servidas, constituindo, nas palavras de Eça, uma “encíclica poética sobre a alimentação cristã”. Eça tece comentários sobre a carta papal, buscando confrontar os ensinamentos com as atitudes de vários santos e santas da Igreja Católica que teriam vivido diversas abdições, dificuldades e renúncias, especialmente em relação à alimentação, para alcançar a santidade. Nas contraposições explicitadas nesse artigo, escrito por Eça apenas alguns anos antes de sua morte, podemos constatar o mesmo discurso crítico e sarcástico voltado à Instituição religiosa e aos seus representantes que permeou obras anteriores, como *O crime do padre Amaro* (1871) e *A relíquia* (1887).

Palavras-chave: Eça de Queirós. “Encíclica poética”. *Notas Contemporâneas*. Papa Leão XIII.

Abstract

The text “Encíclica Poética” was published by Eça de Queirós (1845 -1900) on *Revista Moderna* magazine on October, 20th in 1897 and later gathered in the volume *Notas Contemporâneas*, in 1909. Eça writes about an epistle the Pope Leão XIII (1810-1903) wrote and dedicated to a certain Fabricius Rufus, his Roman countryman, with the aim to suggest what a Christian noble nourishing would be like. The pontiff, great Latin expert and fond of literary pastimes, used to give “politically correct” instructions on how to set the table, the beverages and the opulent dainties about to be served, making, in Eça's words, “poetic encyclical about Christian food”. Eça comments about the papal letter in the attempt to confront the Pope's teachings with the attitudes of various Catholic Church saints who would have lived several abdications, difficulties and resignations, mainly related to food in order to reach holiness. In the explicit contrasts on this article, written by Eça few years before his death, we can find the same critical and sarcastic discourse towards the religious Institution and its representatives which permeated his previous works as *O crime do padre Amaro* (1871) and *A relíquia* (1887).

Key words: Eça de Queirós. “Encíclica Poética”. *Notas Contemporâneas*. Pope Leo XIII.

Artigo recebido em 30 de julho de 2012 e aprovado em 29 outubro de 2012.

* Doutor em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Brasil E-mail: gutonery@hotmail.com

Introdução

Eça de Queirós (1845-1900) foi, além de romancista e contista, um ávido jornalista; escreveu artigos, crônicas e textos diversos em periódicos de Portugal e do Brasil. Seus textos jornalísticos tinham como base os fatos e as pessoas que eram notícia na segunda metade do século XIX, período no qual viveu e que tão bem retratou (e criticou) em todos os seus escritos, ficcionais e não ficcionais.

O autor foi um dos que melhor representou o escritor/jornalista do século XIX, que se servia de jornais e revistas para divulgar seus escritos e ideias, aproveitando-se dos veículos de comunicação que, naquele contexto, tornaram-se os mais importantes instrumentos difusores de informação e entretenimento.

Parte da produção jornalística de Eça encontra-se publicada em diversos volumes editados após a sua morte, por amigos ou familiares¹. Esse é o caso do livro *Notas contemporâneas*, edição póstuma organizada por Luís de Magalhães e publicada em 1909 pela editora Lello & Irmão, da cidade do Porto. O volume é constituído por 33 textos de diversos gêneros, publicados por Eça entre 1870 e 1895, nos seguintes periódicos: *Diário de Notícias*, *Gazeta de Notícias*, *Renascença*, *Atlântico*, *Ilustração*, *Repórter*, *Revista Moderna*, *In Memoriam* e *Almanaque Enciclopédico*.

Os artigos coligidos nesse livro são exemplares para compreender a diversidade de temas pelos quais o “Eça jornalista” se interessava, além de ser importantes para se constatar que, mesmo utilizando outros gêneros de escrita, o autor mantinha a mesma verve crítica de suas ficções, especialmente no que se refere aos desmascaramentos das hipocrisias sociais.

¹ Podemos citar, por exemplo, os textos enviados para o Brasil e publicados pelo jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Segundo Miné (2002), os textos foram coligidos e publicados postumamente por Luís de Magalhães em diversos volumes com os títulos: *Cartas de Inglaterra* (1905), *Ecos de Paris* (1905), *Cartas familiares* e *Bilhetes de Paris* (1907), além de alguns textos fazerem parte das *Notas contemporâneas* (1909) e dos *Contos* (1902).

Em relação específica aos questionamentos voltados à instituição religiosa, à religiosidade e tudo o mais que é correlato à esfera da religião, rapidamente lembramos das obras ficcionais que têm esse interesse ressaltado como foco principal da narrativa – *O crime do padre Amaro* (1871) e *A relíquia* (1887), por exemplo – e de outros escritos nos quais a crítica anticlerical e antirreligiosa perpassam as discussões. A religião e a religiosidade estavam entre as diversas características da sociedade que, segundo Eça, necessitavam ser revisitadas, inquiridas e transformadas².

Todavia, muito pouco foi dito sobre a maneira com que a crítica (anti)religiosa e (anti)clerical, veiculada por Eça ao longo de toda a sua produção, foi desenvolvida nos textos publicados pelo autor nos periódicos. Com o intuito de averiguar especificamente tal característica, este artigo analisa um dos textos jornalísticos encontrados nas *Notas contemporâneas*, a “Encíclica poética” (QUEIRÓS, 1945).

Esse artigo foi publicado originalmente na *Revista Moderna*, em 20 de outubro de 1897, e coligido postumamente por Luís de Magalhães no volume *Notas contemporâneas*, em 1909. De antemão, cabe afirmar que pelo fato de ter sido escrito apenas três anos antes da morte de Eça, ocorrida em 1900, o teor do texto é significativo para compreender a maneira como o escritor lidava com os temas religiosos em sua última década de vida, pois foram retomados de forma alentada nas “hagiografias” de santos, escritas possivelmente entre 1891 e 1897, coligidas e publicadas postumamente, também por Luís de Magalhães, no livro *Últimas páginas*, de 1912.

Os textos derradeiros são costumeiramente considerados por parte da crítica queirosiana³ mais “apaziguados” ou “compreensivos” em relação aos questionamentos voltados à religião, à religiosidade e a outros temas sociais;

² Há inúmeros trabalhos sobre os aspectos da temática religiosa em obras de Eça de Queirós, entre os quais: Bueno (2000); Carvalho (1995); Nery (2010); Nery (2005); Tupiassu (1992).

³ Citamos como exemplificação as leituras de Antônio José Saraiva em *As ideias de Eça de Queiroz* (1945) e de Jaime Cortesão (1949).

supostamente detentores de intensidade crítica distinta, se comparados com a crítica ferina destinada por Eça à sociedade, em obras anteriormente publicadas, como: *O crime do padre Amaro* (1871), *O primo Basílio* (1878), *A relíquia* (1887) e *Os Maias* (1888). Contudo, não é isso que se constata em uma análise mais minuciosa dos textos derradeiros, como almejamos demonstrar com a análise do artigo “Encíclica poética”⁴.

1 Dicas culinárias ou dicas desnecessárias?

Já nas primeiras linhas do texto, percebemos de que se trata de um daqueles escritos de Eça nos quais a crítica é permeada por fina ironia. O autor versa sobre uma epístola que o papa Leão XIII (1810-1903)⁵, pontífice romano de 1878 a 1903, escrevera e dedicara a certo Fabrício Rufo, seu patrício romano. Na carta, o papa, grande conhecedor do latim e adepto de passatempos literários, indicava sugestões do que seria uma nobre “alimentação cristã”: o bem comer, o bem beber e o bem portar-se diante da mesa, constituindo, nas palavras de Eça, uma “encíclica poética sobre a alimentação cristã” (QUEIRÓS, 1945, p. 433).

Antes de iniciar os questionamentos destinados especificamente à epístola papal, Eça faz uma espécie de preâmbulo, no qual expõe o papa como o novo responsável por cultivar uma famosa plantação de uvas existentes no Vaticano. Muito embora pareça que o intuito é apenas de realizar a contextualização para dar início ao foco principal da discussão do artigo, a carta do papa, pode-se notar claramente a tonalidade de crítica irônica, que, desde o início do texto, não poupa a suprema autoridade eclesiástica e, por intermédio de sua figura, a atuação da instituição religiosa na sociedade de então.

⁴ Análises recentes têm se esforçado em questionar essa vertente crítica “polarizante” entre o “Eça das obras realistas” e o “Eça das obras reacionárias”, que se difundiu por muito tempo nos estudos queirosianos. Ver, por exemplo, Nery (2005).

⁵ O papa Leão XIII é quem estabelece a doutrina social da Igreja Católica, determinando uma maior aproximação da Igreja com o mundo laico. Suas encíclicas são famosas por demonstrar sensibilidade com os problemas sociais. A encíclica *Rerum Novarum* (1891) pode ser tida como amostra disso. Consoante Chandler (1903) e Pagano (2012), de fato, a *Epistola ad Fabricium Rufum* foi publicada em 1897 e dava dicas a um certo Fabrício Rufo sobre o bem comer, o bem beber e as boas maneiras de se comportar à mesa. O texto exemplifica o costume que Leão XIII tinha de publicar um ou outro escrito no qual expunha aos fiéis seus dotes literários e seus conhecimentos da língua latina.

A vinha vaticana é apresentada pelo escritor como produtora de péssimos vinhos, porém, fora famosa por ter sido cultivada por inúmeros predecessores do papa de então, e, sobretudo, por ter produzido o vinho no qual eram administrados os venenos que as famílias papais utilizavam para eliminar os opositores e se manter no poder durante o Renascimento:

Sob a vigilância, porém, dos Papas sumptuosos como Inocêncio VII, e Leão X, e Alexandre VI, e Júlio II, essa vinha pontifical, tratada pelos ditames do saber renascido, acabou por produzir um vinho tão seivoso e perfumado que os Bórgias, os Carafas, os Farnésios, o preferiam ao de Chipre, e mesmo ao de Siracusa, para administrar aqueles venenos de Estado tão proveitosos, durante a Renascença, à supremacia, opulência e majestade das grandes famílias papais (QUEIRÓS, 1945, p. 432).

Na verdade, de forma explícita, o papado é ligado à decadência da vinha que, no contexto finissecular do Oitocentos, além de não produzir bons vinhos, também não exercia qualquer influência na manutenção do poder papal: “Hoje essa vinha, decaída da sua importância trágica, honesta e fraca como o Papado, dá dez pipas dum vinho também decaído, claro e palhete, que o Vaticano bebe e reparte com os Hospícios de Roma” (QUEIRÓS, 1945, p. 432).

A aparente introdução ao texto remete, de antemão, à maneira com que Eça concebia a figura do papa e da autoridade papal na sociedade daquele contexto. É significativa, também, para já se perceber que estamos diante do mesmo Eça de *O crime do padre Amaro* e de *A relíquia*. A apenas três anos de sua morte, o autor continuava com a mesma atitude questionadora diante de eclesiásticos e da instituição religiosa representada por eles, postura, aliás, que já pode ser constatada em seus primeiros textos, publicados em jornais do início da década de 1860 e coligidos postumamente no volume *Prosas bárbaras*, de 1903.

Segundo Eça, foi a dedicação que Leão XIII começara a ter pela plantação de uvas que motivou o eclesiástico a escrever recomendações de como a sociedade devia se portar à mesa. O escritor, ironicamente, com “elogios”, apresenta da seguinte maneira a possível justificativa para os ensinamentos do papa que tinham

vindo a público:

Antes, porém, de começar a sua vindima, Nosso Santo Padre Leão XIII, tão benéfico para os nossos corpos como para as nossas almas, desejou ensinar aos seus filhos espirituais o avisado regímen que melhor conserva a saúde, robustece a força, torna o espírito sutil e livre e conduz a uma velhice verdejante... (QUEIRÓS, 1945, p. 432).

De acordo com Eça, o escrito de Leão XIII “baixa, pois, sobre todos os católicos, com a força e a autoridade dum mandamento” (QUEIRÓS, 1945, p. 434), pois, embora não se constitua um texto oficial do Vaticano, outorgado pela cúria romana ou fruto de algum concílio ou sínodo, a carta trazia em si a autoridade que seu escriba detinha, constituindo diretriz para muitos – ainda que isso, obviamente, seja exposto por Eça de forma irônica:

De certo ela não foi metrificada em Concílio Ecuménico, sob o bafo ou a inspiração do Espírito Santo, e não a reveste, portanto, o selo sagrado da Infalibilidade Papal. Mas todas as recomendações que emanam do Papa, mesmo familiares, e murmuradas sobre o prato, possuem inevitavelmente um cunho de certeza, pois que foram elaboradas naquele espírito, que, único entre todos os espíritos, não pode vacilar nem errar [...] E nós, mortais confusos, atarantadamente enrodilhados na dúvida, temos fatalmente de venerar, e sôfregamente seguir, como dogmas, os conselhos do único mortal, que, neste mundo de incerteza e obscuridade, permanece seguro e lúcido (QUEIRÓS, 1945, p. 433).

A partir da leitura crítica das *Vidas de santos*, Nery (2005, p. 198) propõe que, nos primeiros anos da década de 1890, Eça possivelmente pensava uma solução para a crise social do seu tempo pelo viés da renúncia pessoal e da total dedicação aos mais necessitados. Talvez por isso é que o escritor indigna-se com a carta papal e, ainda que “com respeitosa mágoa”, mas com o sarcasmo e a sutileza da ironia, questiona o texto do pontífice, o qual, segundo ele, “desmente toda a sublime experiência da Vida Evangélica, e se coloca como um mundano antagonismo com a seráfica história dos Doutores e dos Santos” (QUEIRÓS, 1945, p. 434). A epístola contrariaria, assim, os ensinamentos de santos e místicos da Igreja, parecendo ter sido composta mais por um “pagão do calibre de Horácio” do que pelo “sucessor de Cristo” (QUEIRÓS, 1945, p. 434).

Eça aparenta ler a carta minuciosamente, travando um intenso diálogo crítico com as contradições expostas por “sua santidade”, tecendo comentários e buscando confrontar os ensinamentos do papa com as atitudes de vários santos e santas da Igreja Católica, que teriam vivido diversas abdições alimentares para alcançar a santidade, e, por tal opção, teriam tido vida exemplar, difundindo uma invejável lição moral para a humanidade.

Para Eça as incoerências papais surpreendem e configuram-se tamanhas já no início da epístola, pois, o fato de ter sido composta em latim não somente faz remissão aos clássicos literários e à intelectualidade do autor, mas, também, remete o texto ao pensamento pagão, algo altamente controverso, considerando-se o fato de que é proveniente do supremo representante de uma instituição cristã. Alguém que poderia estar refletindo, inclusive, sobre os problemas e as “tormentas” pelos quais a Igreja Católica passava naquele contexto, ao invés de se dedicar a excentricidades:

E tanto que, na primeira surpresa, julgamos ser essa uma Epístola inédita de Horácio, composta pelo delicioso e impenitente pagão, mestre persuasivo da Mediana ditosa, numa tarde de Maio, entre as roseiras de Prenestes, enquanto Chloë, coroada de violetas, arrefecia na fonte os cântaros dos dois divinos vinhos misturados, o Faustiano e o Mássico! Mas não! O sapiente Poema Gastronómico fora trabalhado pelo herdeiro de Pedro, dentro da atormentada barca de Pedro! (QUEIRÓS, 1945, p. 434).

Sem deixar de comentar, vez por outra, sobre a escolha da língua latina, sempre no sentido de avalizar a intelectualidade do papa e, concomitantemente, apontar os paganismos que a língua rememorava, Eça aparenta seguir sequencialmente as dicas culinárias dadas por Leão XIII para desenvolver seus comentários críticos. De acordo com as proposições queirosianas, o escrito papal foi construído com o propósito aparente de preceituar acerca de todas as etapas de um banquete: da toalha e pratarias a ser utilizadas à limpeza do ambiente; da escolha à preparação dos alimentos; dos vinhos ao café; das entradas à sobremesa:

Para nos penetrar nesta fecunda lição o Papa empregou o verso latino com aquela elegância límpida, ainda que um pouco mole, que o tornaria merecedor de pontificar, senão nos tempos de Ovídio, ao menos nos tempos de Ausônio. E com tão sábia minuciosidade tratou, nestes hexâmetros copiosos, dos aprestos da mesa, e da escolha atenta dos vinhos na adega, e da excelência da galinha e do anho, e da preparação prudente dos ovos, e dos legumes onde deve sobressair a “couve saborosa”, e da sobremesa onde cumpre que resplandeça a “maçã rubicunda” [...] Deslizemos sem reparo sobre os primeiros versos da Epístola, em que Leão XIII, com o seu fino e amorável sorriso, estende sobre a mesa a toalha que ele deseja muito fina, muito alva, ornada de alguma prata. A limpeza, apesar de esquecida no Catecismo é na realidade a Quarta Virtude Teologal (QUEIRÓS, 1945, p. 433-434).

Em relação específica à limpeza do ambiente e à utilização de pratarias na composição da mesa em que a refeição será servida, Eça parece ser condescendente com as sugestões papais, pois tais indicações foram referendadas por outros santos e bispos, fato que não constituiria incoerência e contravenção diante da tradição religiosa da Igreja Católica: “Tão excelsos precedentes de Bispos e Doutores autorizam santamente o Santo Padre a aconselhar que, na mesa muito vistosa que nos oferece, o asseio dos puros linhos seja avivado com o brilho de algum metal precioso” (QUEIRÓS, 1945, p. 435). A prerrogativa, no entanto, demonstra o teor quase moralizante que o discurso de Eça possui diante do escrito papal: a grande querela está no fato dos aconselhamentos de Leão XIII não condizerem com as abstinências alimentares de inúmeros eclesiásticos e santos, os quais, para Eça, foram exemplares na vivência do cristianismo que o Santo Padre deveria representar ou imitar.

A verve crítica do escritor começa a ser percebida de maneira alentada quando são mencionadas as sugestões que o papa faz acerca dos vinhos que se deve servir à mesa. Eça cita diversos santos que sequer conheceram a bebida ou se renegaram a tomá-la para autoafligir sofrimentos e, assim, mortificar a carne e exaltar o espírito, com o intuito de alcançar a santidade:

Mas, logo posta a mesa, o bem-amado Pontífice contraria toda a experiência da História Eclesiástica, recomendando, com jucundo zelo, que se subam da adega os vinhos mais finos e frescos, “pois que eles espalham a alegria na alma e a libertam do escuro cuidado!” Não, Santíssimo Padre! Toda a rutilante legião dos Santos, Bispos nas cidades ou Eremitas no deserto, protesta, mostrando os *Acta Sanctorum*, contra o vosso preceito Horaciano. S. João Crisóstomo, o esforçado Santo Elói, S. Pedro Damiano, que purificou a Cristandade, S. Leão que, com seu cajado, repeliu das portas de Roma as hordas de Átila, tantos ainda, inumeráveis como as estrelas, e como elas rebrilhantes de claridade imanente, nunca beberam vinho! [...] A clara bebida destes justos foi a água! E alguns só a aceitavam quando estava bem morna e salobra (QUEIRÓS, 1945, p. 435-436).

Citando santos e santas – são mencionados 39 nomes ao longo do texto –, alguns muitos conhecidos no imaginário católico, e outros nem tanto, quase todos cristãos que viveram nos primeiros séculos na Idade Média, Eça, após questionar as sugestões do papa em relação à bebida, passa a apontar as incongruências papais no que concerne à comida.

A fartura de alimentos indicados por Leão XIII como sendo necessária para a composição do bom banquete é confrontada com a dieta escassa e quase nula que muitos santos tiveram:

S. João Capristano, Santo Ambrósio de Sienna, S. Carlos Borromeu, S. Macário, S. Basílio, viveram de ervas, de côdeas secas que alguns salpicavam de cinza, e outros, como S. Lourenço, arcebispo de Dublin, mergulhavam para mais funda humildade na água suja dos porcos. Outros desdenhavam soberbamente estas côdeas de Epicuro. Santo Onofre comeu cem anos duma palmeira que crescia junto à sua caverna. Durante quarenta anos um molho de ervas, borrifadas de vinagre, bastou ao grande S. Conrado. S. Gezolino, de rastos pelos sombrios bosques de carvalhos, roia as bolotas eu apanhava, cantando a magnanimidade do Senhor [...] Certo alegre esfarrapado, que trincava os agriões do seu jantar conversando com os passarinhos – foi S. Francisco de Assis! Um monge que só comia, numa tigela de pau, a sopa de folhas de faia, por suas magras mãos cozinhada, foi S. Bernardo, em Claraval. E o macilento espanhol que se nutria dumas vagas folhas de couve – foi Santo Inácio de Loiola (QUEIRÓS, 1945, p. 438).

Tal familiaridade com episódios e detalhes da vida de tantos santos e santas poderia sugerir ao leitor mais desavisado que Eça era um fervoroso leitor de hagiografias, mas, segundo constatações de Alfredo de Campos Matos (1993), no

Dicionário de Eça de Queiroz, o escritor fizera somente leituras esparsas do volumoso *Dictionary of miracle*, de 1834, de Cobham Brewer. De acordo com Matos (1993, p. 270), tais leituras constituíram, inclusive, pequenas traduções de alguns milagres, “apenas fichas de trabalho para um empreendimento futuro para equilibrar o seu estado financeiro sempre em dificuldade”⁶.

Nesse sentido, também temos a confissão feita a Jaime Batalha Reis em 1891, reproduzida no final da introdução das *Prosas bárbaras*, na qual Eça reconhece estar escrevendo a primeira das *Vidas de santos, são frei Gil*, fato que demandaria certa leitura sobre o assunto. Ainda em 1892, em carta enviada a Eduardo Prado, em 29 de maio, Eça afirma que por aqueles idos estaria lendo hagiológicos: “e à noite leio genealogias e hagiológicos” (QUEIRÓS, 1967, p. 258).

Essas informações são importantes, pois parecem indicar que os detalhes sobre santos e santas contidos na “resposta” à carta papal foram obtidos por Eça ao longo, especialmente, da década de 1890 e aproveitados em outros textos produzidos nesse decênio, particularmente nas *Vidas dos santos*. Provavelmente, temos aqui reminiscências dessas leituras, pois seria impossível Eça apenas supor detalhes tão particulares da vida de dezenas de santos sem antes consultar obras especializadas. O que motivou o autor a ler o *Dictionary of miracle*, bem como quais hagiografias ou com qual intensidade as leu são perguntas a ser solucionadas em trabalho futuro, já que não fazem parte de nosso objetivo, aqui.

Voltando ao nosso objeto de análise, as sugestões do papa em relação aos alimentos mostram-se tão absurdas para Eça que, literalmente, causam-lhe risos sarcásticos:

⁶ Através dessas fichas de leitura, o editor António Maria Pereira publicou, em 1900, logo após a morte de Eça, o *Dicionário de milagres*, o qual, na verdade, é constituído por resenhas de milagres ilustrados somente nos verbetes A e B (MATOS, 1993, p. 270). Justamente por isso, Matos (1993) reitera que o dicionário editado por Pereira pouco tem de Eça, somente sendo as fichas de trabalho de outrora, anotações estas que configuram uma leitura rápida e pontual acerca dos milagres de poucos santos.

Galinha e Vitela! Ah! Ah!... Galinha e Vitela! Mas os mais resolutos e diligentes Santos nunca provaram desses pratos, que lhes pareceriam de culpada, escandalosa gula! Os solitários só comiam pão, aquele duro bolo chato, do tamanho da roda dum carro [...] (QUEIRÓS, 1945, p. 438).

São apontadas incoerências na carta papal até mesmo em relação à recomendação de tomar uma xícara de café após a refeição, sugestão dada por Leão XIII como *grand finale* para o banquete proposto. Para Eça é uma incongruência o papa sugerir a bebida que teria se tornado símbolo dos revolucionários e dos racionalistas, os quais, por sua vez, questionaram o cristianismo, os dogmas e a atuação da Igreja Católica na sociedade:

Ousarei ainda desenrolar a minha surpresa perante os versos da Epístola em que o Santo Padre recomenda o café, com bondoso fervor, insistindo mesmo que o tomemos de Moka e o saboreemos lentamente, em regalados goles? O café! Mas o café foi logo, desde a sua aparição, a bebida dilecta, quase oficial do Racionalismo! Estimulando a imaginação e a Razão indagadora – ele implicitamente dissolve o respeito pela Regra e pelo Dogma imutável. O café, mais que a *Enciclopédia*, fomentou a Grande Revolução. [...] E agora Nosso Santo Padre, num largo e doce gesto, *urbi et orbi*, chama a Críandade ao Café! (QUEIRÓS, 1945, p. 444).

Sempre após elencar as diversas dificuldades e renúncias vivenciadas pelos santos e santas com o intuito de alcançar a perfeição de vida, contrapondo-as às indicações “politicamente corretas” de como colocar a mesa, as bebidas e as suntuosas guloseimas que se vão servir, dirigidas pelo papa para o tal Rufo, Eça questiona o pontífice, insistentemente, ressaltando as atitudes exemplares praticadas pelos santos e santas ao longo de suas vidas, demonstrando que os martírios, sacrifícios, sofrimentos e a escassez na alimentação, ao invés de provocar doenças e desânimo, aprimoravam-lhes a saúde, a força, o bom humor e a disposição para ajudar e “curar” o próximo:

E onde houve, Santíssimo Padre, robustezas magníficas e almas lavadas de cuidados, que se comparem às destes ditosos? S. Zebino, aos oitenta e seis anos, caminhava carregado de grossas cadeias de ferro enrodilhadas no peito e nos braços, e arrastando, com tal peso e fragor, que atroavam as solidões de Sceté. S. Nilo vivia, e muito gostosamente, com o pescoço metido numa canga imensa feita de grossos toros de árvore. A força destes santos, que apenas se dessedentavam, como as feras dos seus desertos, no fio barrento de algum regato avaro, excedeu a dos heróis de Homero, que

jantavam um boi, despejavam um tonel, e morriam moços. [...] E a alegria destes simples era tão perfeita, tão transparente a quietação dos seus corações, que só o contemplar translúcido lampejo dos seus olhos sumidos nas rugas, ou o riso inefável das suas velhíssimas bocas desdentadas, curava as maiores melancolias humanas (QUEIRÓS, 1945, p. 436-437).

Eça expõe que as proezas e milagres realizados pelos santos atraíram-lhes muitos devotos, que os buscavam para obter auxílio em meio às dificuldades e agruras cotidianas. Talvez com o intuito de enfatizar que, diante dos exemplos de vida dos penitentes, as indicações culinárias do papa mostravam-se banais, o escritor explicita que inúmeros admiradores tinham os “ditosos” como referência para suas vidas, preenchidas justamente pelas superficialidades e materialidades humanas que foram abandonadas pelos santos e santas em função da busca pela santidade:

[...] Em Alexandria, todos os atormentados, todos os doloridos de alma, os filósofos que na Filosofia não encontravam repouso, os Voluptuosos que na Voluptuosidade só recolhiam a amargura, empreendiam a dura jornada ao monte Colzin para considerar durante momentos, com um casto céu de serenidade, donde a serenidade descia, a face de Santo Antão... (QUEIRÓS, 1945, p. 437).

Entretanto, a argumentação queirosiana engrandece, sobretudo, o fato de que foi justamente por padecer diversas penúrias, especialmente alimentares, que esses homens e mulheres conseguiram ter, além de uma vida exemplar, a capacidade e o labor de construir obras religiosas e de caridade que permaneciam existentes até aqueles dias:

E agora recordada, a áspera abstinência destes homens, recordai as suas obras sublimes! Mais mal alimentados que os bichos das matas em tempo de neve, eles possuíram uma energia e uma largueza de atividade, que por vezes, mudava o feitio moral do mundo. [...] S. Mauro, velhíssimo, sustentado com três favas por dia, estendeu à hora de adormecer no Senhor, no seu catre de trapos e cinzas, os descarnados braços, e abençoou os cento e vinte mosteiros de que fora fundador. E S. Bento, que raramente juntava algumas ervilhas ao seu pão, pode depois, através de séculos, no Céu, correr cada alvorada às portas do Céu, que se abriam, e se abriam, e se abriam, para receber cinco mil santos, que eram todos da sua Regra! (QUEIRÓS, 1945, p. 437-439).

Após narrar episódios pitorescos das vidas de alguns santos que conseguiam dominar animais, impondo-lhes seus desejos em prol de atos caridosos, temos explicitamente constatada a admiração de Eça pela liderança e força moral exercida pelos “bem-aventurados” em seus contextos de vida, características que, expostas dessa maneira, parecem questionar indiretamente a liderança exercida pelo papa Leão XIII:

Onde existe feito moral comparável a este quieto domínio sobre a natureza bravia? Só talvez o feito de governar homens superiores, porque esse demanda, certamente, uma mais intensa irradiação de força espiritual, do que atrelar ursos a carros ou navegar sobre crocodilos! Pois bem! Muitos destes Santos, que se sustentavam de ervas secas, mal amolecidas em água salobra, governavam as grandes “laúras” do Deserto, conventos contendo um povo ardente de monges, dois e três mil monges, e todos eles tão santos, e férteis em milagres, e predilectos de Deus como o abade que os governava! (QUEIRÓS, 1945, p. 441).

O discurso queirosiano desconstrói até o mesmo um dos que seriam os objetivos declarados pela encíclica do papa, caso suas dicas culinárias fossem seguidas, o aumento da longevidade, mostrando que a dieta restrita e os sacrifícios dos santos é que prolongavam a vida de maneira eficaz. Assim, um papa de 70 anos que tivesse a dieta restrita dos santos seria tido, ainda, como muito jovem e lidaria apenas com pequenas provações, no caso, jovens diabinhos de “chavelho curto”:

Nem esse confortável regímen, santíssimo Padre, prolonga a vida! Nunca efêmera vida humana atingiu tão descomedidas cifras de anos, como nesse deserto do eterno jejum. Um Pontífice de setenta anos passaria aí como um moço tenro, frágil, inexperiente, incapaz de se livrar dos assaltos, já não do grande Satanás, mas dos Mafarricos, dos Diabinhos de chavelho curto e curta malícia, que apenas sabiam arranhar os pés dos cenobitas, ou entornar as bilhas de água, ou meter entre os dentes da caveira da meditação, algum gordo chouriço mal fingido e pueril. A idade madura dum monge da Tebaida começava aos cem anos. Aos cento e trinta ainda muitos, cada dia, durante doze horas, cavavam sob o sol duro, o seu duro horto, cantando os Salmos com tão potente voz que espantavam as águias (QUEIRÓS, 1945, p. 441-442).

A fina ironia e o sarcasmo imersos nas confrontações dirigidas ao Pontífice, evoluem para crítica ferina conforme Eça caminha para a conclusão das reflexões. A figura do papa Leão XIII é explicitamente colocada em xeque, à medida que o escritor exalta a capacidade dos santos e a admiração conquistadas por eles em

função de suas vidas e obras. Também notamos a tentativa veemente de Eça para desautorizar as opulentas indicações gastronômicas provenientes de um papa que, teoricamente, deveria rememorar a tradição de sacrifício e escassez alimentar que inúmeros Católicos viveram em prol do cristianismo e da busca pela santidade:

Estes eram na verdade homens! E, só de os nomear, os joelhos se vergam de deslumbrada adoração! Pois para viverem assim, tão sobrenaturalmente fortes, não se nutriam desses ovos, e mel do Himeto, e galinha e vitela, e couve saborosa, e pêssego rubicundo, e quentes vinhos – que nosso santo padre, com tão meiga solicitude pelos seus filhos em Cristo, nos prescreve em lustrosos versos latinos. Ao contrário! Por lhes faltarem os gordos capões, e as vitelas tenras, e os cálidos Falernos que, engordando a carne, pesam na alma, a oprimem, a amolentam, a retardam, a escurecem – é que a alma deles reinou sobre o mundo tão rija, tão liberta, rápida, clara e triunfadora (QUEIRÓS, 1945, p. 441).

Já no final do texto, em um claro desejo de considerar as indicações do papa como sendo altamente contrárias e até mesmo profanadoras da memória e dos exemplos dos santos e santas elencados ao longo de seu texto, Eça, sarcasticamente, sugere que recomendações gastronômicas, como aquelas encontradas na carta papal, poderiam até ser tidas como tentações oriundas do próprio Satanás, se comparadas com as “histórias alimentares” dos “bem-aventurados” e as dissuasões que eles sofreram ao longo da vida para abandonar a dieta escassa e o processo de santificação:

E estes portentosos velhos nunca conheceram carnes, ou galinha, ou vinho, ou a fruta cheirosa, senão quando o negro Tentador lhas apresentava, em sorrateiro e pérfido silêncio, sobre mesas decorosas e asseadas – estranhamente semelhantes a esta que o Vigário de Cristo tão bem ornou e forneceu para gosto e proveito de Fabrício Rufo (QUEIRÓS, 1945, p. 442-443).

Na verdade, a crítica de Eça ao final do artigo expõe-se da mesma forma ferina e direta com que foi empregada em outros textos do autor, produzidos ao longo de toda a sua carreira, que têm a Igreja, seus representantes e suas atuações na sociedade como foco das discussões, havendo, aqui, nesse sentido, um bom exemplo de permanência dos interesses críticos do escritor em relação aos temas concernentes à religiosidade. Contrapondo os sacrifícios feitos pelos santos e

santas às dicas do bem comer e do bem servir de Leão XIII, encontramos explicitado nesse texto, da última década de vida de Eça, o mesmo discurso irônico, crítico e sarcástico, voltado à instituição religiosa que permeou obras como *O crime do padre Amaro* (1875) e *A relíquia* (1887).

É com a sutileza crítica da ironia que Eça se dirige ao papa nas últimas linhas de seu artigo. Embora reconheça as qualidades “humanas e espirituais” do pontífice, muito provavelmente por conta dos esforços para aproximar a Igreja Católica da realidade social, como a publicação da encíclica *Rerum novarum*, percebe-se um Eça surpreso e perturbado diante do líder religioso que poderia dedicar-se à resolução de problemas muito mais sérios do que dar dicas de trivialidades à mesa:

Mas por fim o que mais me surpreende e perturba é que tão doce e humano Papa, de génio tão espiritual, e Papa que tanto amamos, levante assim nos cimos da Igreja uma tão apetitosa mesa, e alastre de galinhas, de vitela, de vinhos suaves e de frutas rubicundas, e nela se sente risonhamente com um pagão – enquanto em redor arregalam os olhos tristes tantas criancinhas famintas, e por trás delas as mães pálidas, e para além os pais sem trabalho e sem lenha no lar enrugam a face sombria, e mais longe os velhos de secular miséria murmuram amargamente... Na verdade, na verdade! Grande é a certeza do Papa e larga a sua ternura! Mas não penso que, diante desta esfaimada e rota plebe, nem S. Bento, nem o pobrezinho de Assis, nem o bom S. Vicente de Paula, nem esse tresloucado S. João de Deus, nem o nosso velho Santo António, nem S. Gregório ou Pio V, que eram também Papas e devotos das letras antigas, se entregassem ao regalo de compor, sobre a arte de Bem Comer, uma honesta Epístola Horaciana, de elegante latinidade (QUEIRÓS, 1945, p. 444).

A indignação de Eça procede do fato de uma autoridade do calibre do papa, ao invés de se preocupar com a pobreza e a exclusão da sociedade, demonstrar esforço e interesse em compor uma “encíclica” que, perto da desigualdade social que assolava o mundo e da rememoração da memória de inúmeros santos, configurava-se superficial e desnecessária.

Aspectos conclusivos

O teor moralizante presente na postura de alguns santos, elencados por Eça ao longo do texto, parece não somente servir de contraponto ao discurso do papa, mas, também, revela uma espécie de reconhecimento por parte do escritor ao desapego material que claramente não condizia com as recomendações culinárias do Pontífice. E atentemos para um detalhe em relação aos santos citados: para criticar o papa, Eça retoma de forma positiva os elementos ascéticos de alguns santos que foram justamente seu alvo de crítica nas *Vidas dos santos*, tais como a contemplação e a santidade “individualista” (NERY, 2005, p. 167). É mais um exemplo da oscilação com que Eça trabalhará com os temas religiosos, não professando fé e fazendo proselitismos, muito menos os utilizando como elementos inquestionáveis por ser pertinentes ao campo espiritual, mas, de acordo com seus interesses, os (re)toma, critica e faz revisão.

Dessa forma, as origens dos males do povo, a miséria, a fome e a morte notadas na ambientação medieval de *São Cristóvão*, outra das *Vidas dos santos*, parecem estar implicitamente ligadas ao contexto medieval, no qual a Igreja tinha participação privilegiada e, concomitantemente, pouco fazia para tentar solucionar os problemas sociais. Situação que parece não ser muito diferente do contexto finissecular de Eça, no qual um papa preocupa-se mais com “as boas maneiras” à mesa do que no empenho de lutar pelos menos favorecidos e na resolução de problemas sociais.

A partir desses apontamentos, reiteramos, o artigo “Encíclica poética” é fundamental para compreender a permanente crítica à instituição religiosa e seus representantes que perpassa toda a obra do escritor. O texto contraria muitas propostas críticas que, ao ler apressadamente a obra derradeira de Eça, propuseram-na ou como pouco detentora da “melhor” crítica realista empreendida em obras anteriores, como *O crime do Padre Amaro*, ou como apaziguada com a

religião e a religiosidade, caso de leituras menos acuradas das *Vidas dos santos*⁷. De fato, conformismo não seria a palavra apropriada para classificar o posicionamento de Eça no final da vida em relação à instituição religiosa e tudo o mais que é correlato a ela, como muitos críticos propuseram.

REFERÊNCIAS

- CHANDLER, Chas. A Poet-Prelate: Pope Leo XIII. **The American Journal of Theology**, v. 7, n. 2, p. 362-364, Apr. 1903. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/view/3153746>>. Acesso em: 10 jun. 2012.
- CORTESÃO, Jaime. **Eça e a questão social**. Lisboa: Seara Nova, 1949.
- MATOS, Alfredo de Campos (Org.). **Dicionário de Eça de Queiroz**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993.
- MINÉ, Elza. Introdução. In: QUEIRÓS, E. de. **Textos de imprensa, IV: da Gazeta de Notícias**. Edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002. p. 15-51.
- NERY, Antonio Augusto. **Santidade e humanidade**: aspectos da temática religiosa em obras de Eça de Queirós. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- NERY, Antonio Augusto. "São Cristóvão" (Eça de Queirós): santidade e crítica social. In: Salma Ferraz. (Org.). **Pólen do divino**: textos de teologia e literatura. Blumenau: Editora da Fundação da Universidade Regional de Blumenau, 2011. v. 01, p. 89-98.
- PAGANO, Antonio. Leone XIII e Il Latino. **Memorie e Rediconti**, v. 10, Série 4, 2000. Disponível em: <<http://www.accademiadeglizelanti.it/2000/pagano%20leone%20xiii.pdf>> . Acesso em: 10 jun. 2012.
- QUEIRÓS, Eça de. **Correspondência**. Porto: Lello e Irmãos, 1967
- QUEIRÓS, Eça de. Encíclica poética. In: QUEIRÓS, Eça de. **Notas contemporâneas**. Porto: Lello e Irmãos, 1945.
- REIS, Jaime Batalha. Na primeira fase da vida literária de Eça de Queiroz. In: QUEIRÓS, Eça de. **Prosas bárbaras**. Porto: Lello e Irmãos, 1945. p. 5-53.

⁷ Sobre as particularidades das questões críticas presentes nas *Vidas de santos*, ver Nery (2005) e Nery (2011).